



História Unisinos

ISSN: 2236-1782

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Vaiz Machado, Daiane

Entre “tornar-se historiador” e “ser orientadora”: a narrativa epistolar de
Carlos Roberto Antunes dos Santos a Cecília Westphalen (1974-1976)[1]

História Unisinos, vol. 22, núm. 4, 2018, Novembro-, pp. 685-696

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.4013/htu.2018.224.14>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579862720015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UNISINOS
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Entre “tornar-se historiador” e “ser orientadora”: a narrativa epistolar de Carlos Roberto Antunes dos Santos a Cecília Westphalen (1974-1976)¹

Between “becoming a historian” and “being a supervisor”: the epistolary narrative of
Carlos Roberto Antunes dos Santos to Cecilia Westphalen (1974-1976)

Daiane Vaiz Machado²

daiane_vm@yahoo.com.br

Resumo: Escrita de si e do outro, a narrativa epistolar é uma forma de dar-se a ver ao seu destinatário e um espaço de construção do interlocutor. Como observatório das sociabilidades, o pulular de nomes próprios e de instituições permite ao seu investigador estabelecer conexões, reconstituir redes de pertencimento e observar o funcionamento de microcosmos sociais. Este artigo se atém ao cotidiano de um historiador brasileiro em formação profissional. Do meio historiográfico parisiense, entre 1974-1976, Carlos Roberto Antunes dos Santos, durante o seu processo de doutoramento, correspondeu-se com Cecília Westphalen, sua colega docente na Universidade Federal do Paraná e orientadora de mestrado na mesma instituição. Com a narrativa epistolar, do ponto de vista do remetente, refletimos sobre o processo cognitivo de aprendizagem e produção, sobre a arquitetura das relações acadêmicas e sobre as estratégias sociais de circulação do conhecimento. Desejamos, assim, aproximar-nos de um modo de “tornar-se historiador” e sugerir um modo de “ser orientadora” em meados da década de 1970.

Palavras-chave: historiografia brasileira, historiografia francesa, narrativa epistolar, ofício do historiador, pós-graduação.

Abstract: Writing on the self and the other, the epistolary narrative is a way of being seen by its addressee and a construction place of the interlocutor. As an observatory of sociability, the swarming of names of persons and institutions allows the analyst to establish connections, reconstitute structures of belonging and observe the functioning of social microcosms. This paper engages focuses on the daily life of a Brazilian historian in training. From the historiographical environment of Paris between 1974 and 1976, Carlos Roberto Antunes dos Santos, during his doctoral program, exchanged letters with Cecília Westphalen, his colleague at the Federal University of Paraná and Master's Degree supervisor at the same institution. With the epistolary narrative, from the point of view of the sender, we reflect on the cognitive process of learning and production, on the architecture of academic relations and on the social strategies of knowledge circulation. Thus, we wish to approach a way of “becoming a historian” and “being a supervisor” in the mid-1970s.

Keywords: Brazilian historiography, French historiography, epistolary narrative, historian's craft, graduate study.

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo número 2016/22187-3.

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Av. Eufrásia Monteiro Petráglio, 900, 14409-160, Franca, SP, Brasil

Em outubro de 1971, durante cinco dias, as dependências do Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL), na Universidade de Paris III, foram tomadas por 67 pesquisadores brasileiros (alguns sob a condição de exilados da ditadura militar), muitos europeus e norte-americanos (Love, 1975), interessados no desenvolvimento histórico das pesquisas sobre o Brasil ou, para sermos mais assertivos, no estado da arte da prática da história quantitativa.

O Colóquio Internacional "L'histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930" (1973) foi organizado por Frédéric Mauro³ e contou com o apoio de Pierre Monbeig, o diretor do IHEAL,⁴ pesquisadores versados na historiografia brasileira e ambientados no meio acadêmico. Ambos, nos rituais discursivos de abertura e fechamento do evento, enfatizaram que a história quantitativa, como praticada pelos franceses, teria impulsionado e sofisticado a pesquisa histórica no país.⁵ Assim, sob o eixo dos estudos econômicos e demográficos, os organizadores esperavam ter um panorama dos investimentos franceses no Brasil.

Centralizar a reunião em Paris proporcionou maior adesão dos europeus ao evento, ao preço de limitar a participação de brasileiros de instituições de pouco poder financeiro.⁶ A despeito disso, o deslocamento até a capital da historiografia francesa continha também ares simbólicos, algo semelhante à imagem do peregrino em romaria à terra santa. Ativa no colóquio, Cecília Westphalen (1927-2004), professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde 1951, havia recentemente retornado de Paris, onde foi buscar orientação metodológica e apoio técnico com a intenção de finalizar a fase de cálculos e compor a obra sobre as relações comerciais no porto paranaense de Paranaguá. A arquitetura do estudo nasceu em 1959, após o encontro de Westphalen com a historiografia francesa em torno de Fernand Braudel, Frédéric Mauro, Pierre Chaunu e Ruggiero Romano, fundamentalmente. Em 1970, ela estreitou os vínculos com esses historiado-

res e também se aproximou de demógrafos e geógrafos, como Louis Henry e Jacques Bertin. No traçado desses retornos a Paris, a historiadora brasileira teceu uma importante rede interdisciplinar de contatos para futuras relações profissionais. Colocando saberes em circulação, esse conjunto de autores franceses intercambiou fontes e bibliografias com Westphalen, também trocou convites e gentilezas acadêmicas, como a recepção de ex-alunos e a acolhida de orientandos (Machado, 2016).

No período em pauta, esses deslocamentos formativos eram constantes. Maria Luíza Marcílio, Fernando Novais, Celso Furtado, Maria Bárbara Levy, Maria Yeda Linhares, Altiva Pilatti Balhana, Kátia de Queiroz Mattoso, Eulália Lobo, Mircea Buescu, debatedores no colóquio, também tiveram os seus percursos intelectuais marcados pelo trânsito Brasil-França. O cruzamento de seus itinerários em eventos, seminários e instituições era frequente e foi intensificado com a oficialização dos cursos de pós-graduação no Brasil, sistematizados pela Reforma Universitária de 1968. O progressivo desenvolvimento dessa estrutura, ao propiciar suporte financeiro, potencializou a circulação dos pesquisadores e a formação dos discípulos, que, como os mestres, foram beber, pelo menos inicialmente, na mesma fonte.

É nessa movimentação que localizamos a partida de Carlos Roberto Antunes dos Santos (1943-2013) a Paris, em 1974. O referido colóquio tem espaço nessa articulação porque foi nele que Westphalen, sua orientadora do mestrado, divulgou a aprovação do curso de Mestrado em História do Brasil da UFPR e oficializou os primeiros convites aos docentes para que ministrassem cursos consonantes com as duas áreas de concentração do Mestrado: História Demográfica e Econômica (Ata da Reunião do Departamento de História, 06/11/1971). Como vemos, a escolha institucional ia ao encontro das duas linhas privilegiadas no colóquio francês.

Operacionalizado o Mestrado, a partir do segundo semestre de 1972, a circularidade Curitiba-Paris passou a

³ Ex-aluno de Fernand Braudel e com formação em economia pelas universidades americanas de Columbia e Fordham, Frédéric Mauro (1921-2001) era estudioso da Europa Atlântica e de Portugal, do Brasil e da América Latina, com projetos sobre as relações econômicas na Bacia do Rio da Prata. Titular da primeira cadeira francesa de História da América Latina (1967), Mauro dividia-se entre o ensino na Universidade de Paris X - Nanterre, as reuniões para a criação da Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos (AHILA) e a condução de Seminários de Doutorado no IHEAL. Acumulou de investimentos sobre si que o projetavam como especialista em América Latina e o gabaritavam para integrar uma frente de historiadores que objetivava formar redes de pesquisadores latino-americanos de alcance internacional, mas a partir da Europa, por meio da difusão de congressos acadêmicos. Nos anos 1950, suas necessidades de pesquisa para a tese o trouxeram ao Brasil; na década seguinte, o ideal motivador foi a divulgação dos pressupostos franceses da história econômica e quantitativa (Broder, 2002; Vidal, 1998).

⁴ O geógrafo Pierre Monbeig (1908-1987) ocupou, entre 1935 e 1946, a cátedra de Geografia Humana no Curso de História e Geografia da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em diálogo e em tensão com os pressupostos de Vidal de la Blache, sua plataforma de ensino enfatizava o peso da história para a compreensão da paisagem e sua complexa interação e resistência aos grupos humanos, estimulando, assim, estudos de geografia urbana e áreas de colonização. Sua experiência no ensino e suas pesquisas de campo pelas zonas pioneiras de São Paulo e do norte paranaense tornaram-se fundamentais à produção de sua tese "Pioneiros e fazendeiros de São Paulo", defendida em 1950 na Sorbonne. Figurando entre os precursores do processo de formação disciplinar da Geografia brasileira, Monbeig, imerso no processo de modernização do capitalismo tardio brasileiro, sistematizou a "geo-história dos países periféricos" (Lira, 2017).

⁵ Recorrendo às suas lembranças, Monbeig (1971, p. 13) enfatizou a sua percepção do efeito *Annales* à inflexão metodológica da historiografia brasileira: "A história quantitativa é sem dúvida um aspecto pioneiro da pesquisa histórica, sobretudo no Brasil. Os brasileiros aqui presentes e os estrangeiros que conhecem o país sabem qual era o método histórico até então vigente. Eu mesmo jamais poderei esquecer o número colossal de páginas que tive que ler para buscar informações sobre a história do café. Páginas e páginas apenas para dizer o nome do secretário da agricultura numa determinada época... Antigamente, esta era a história que se fazia no Brasil. Essa situação mudou muito, e quer-me parecer que a história quantitativa feita hoje pelos meus colegas brasileiros é um dos aspectos importantes do desenvolvimento científico do país".

⁶ É preciso lembrar que a realização em Paris também se justificaria por se tratar de um novo encaminhamento dos "ares culturais". Sobre esse projeto: Delacroix *et al.* (2012, p. 208-209).

ser diretamente facilitada. Logo no ano seguinte, Frédéric Mauro deslocou-se a Curitiba para dar dois meses de aula sobre “Novas Perspectivas da História Econômica” e dirigir um seminário de orientação teórico-metodológica, inaugurando um período de maior trânsito pela instituição e de acolhimento de pós-graduandos em Paris (Balhana, 1995, p. 47-54; Westphalen, 1995, p. 55-61). Esse foi o caso de Antunes dos Santos, que rumou à França para dar impulso à sua pesquisa de doutorado sobre a economia escravista paranaense.

Do meio historiográfico parisiense, entre 1974-1976, Antunes dos Santos correspondeu-se com Cecília Westphalen, uma escrita relativamente regular, oscilando entre 2 a 11 páginas de conversas confidentes que, guardadas pela destinatária, hoje sugerem uma experiência representativa do processo formativo do historiador profissional.⁷ Considerando o espaço epistolar como “laboratório da tese”, a partir da formulação narrativa de Antunes dos Santos buscaremos refletir acerca do processo cognitivo de aprendizagem e produção, da arquitetura das relações acadêmicas e das estratégias sociais de circulação do conhecimento. Em linhas gerais e amplas, desejamos nos aproximar de um modo de “tornar-se historiador” e, também, levando em conta a nova estrutura da pós-graduação no Brasil, de um modo de “ser orientadora”.

O “laboratório da tese” e a figuração do outro

Uma carta pinta a pessoa a quem se escreve como também a que se escreve (Alfred de Vigny, in Diaz, 2016, p. 152).

Ter um adequado desempenho na graduação, aproximar-se de um catedrático, sinalizar interesse para com seus empreendimentos de ensino e pesquisa, na estrutura fechada do domínio da cátedra, essas eram ações e condutas necessárias para aqueles que vislumbravam construir uma carreira universitária (Fávero, 2000; Bourdieu, 2011; Roiz, 2012). Em 1967, recentemente licenciado, Carlos Roberto Antunes dos Santos assumiu o posto de Instrutor Voluntário, o primeiro degrau para a inserção docente, e prontamente passou a integrar o projeto departamental “A Economia Paranaense na 1ª República”, com foco na economia madeireira.⁸ Mas foi com o engajamento em outro projeto, também coordenado por Cecília Westphalen,

o Projeto Levantamento e Arrolamento de Arquivos,⁹ que o jovem pesquisador passou a nutrir curiosidade pelo conteúdo dos arquivos notariais quanto à escravidão no Paraná.

O tema da escravidão vinha de um crescente interesse de pesquisa entre sociólogos e historiadores brasileiros desde meados de 1960, cujo viés oscilava entre a teoria econômica marxista e as temáticas e metodologias da história econômica e social praticada pelos *Annales* (Lara, 1992, p. 215-244; Adolfo, 2014; Hébrard, 2013, p. 47-95). A dissertação de Antunes dos Santos (1974) localizava-se nesta última vertente e inseria-se na linha de História Econômica do Mestrado em História do Brasil da UFPR. Tendo como fonte de trabalho os registros de compra e venda de escravos e os orçamentos provinciais, seu tema de pesquisa foi o mercado de escravos entre 1861-1887, e sua problemática foi compreender os elementos (variáveis: idade, sexo, ofício e condição física) que concorriam para a definição de seu preço, considerando nas oscilações o binômio espaço-tempo (recortes quinquenais e variações por localidade – Lapa, Curitiba, Castro e Litoral). Portanto, uma análise do escravo enquanto produto do sistema econômico imperial.

Oscilação de mercado e flutuações de preços foram tópicos que sobressaíram no Colóquio Internacional “L’histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930”. As análises interpretativas de Eulália Lobo, Kátia Mattoso e Johildo Athaide sobre a relação entre evolução de preços, custo de vida e epidemias serviram-lhe como ponto de diálogo e o identificavam com a problemática que os autores levantavam para o caso da economia brasileira.

Embora a dissertação não tenha evocado Ernest Labrousse como inspiração teórico-metodológica, Braudel se fez presente logo na primeira linha; ele é o aporte para justificar a profícua aliança da história com a teoria do desenvolvimento econômico. Braudel aparece de forma ligeira, assim como Mauro. O futuro orientador sustenta sua localização temporal, pois haveria uma “demanda historiográfica” para o século XIX, desamparado que estava pelos pesquisadores brasileiros preocupados em demasia com o período colonial. Sua aparição se resume a essa vaporosa menção.

No plano geral, a dissertação prezou pela descrição do sistema escravista, elencou verificações gerais, que não trouxeram novidades interpretativas, e desenvolveu timidamente a reflexão com a variável preço. Ela carregou o ônus de ser a primeira no campo acadêmico paranaense a

⁷ As cartas compõem a correspondência passiva de Cecília Westphalen e estão depositadas no Arquivo Público do Paraná. Trata-se de uma série incompleta de 17 cartas.

⁸ Em 1970, Antunes dos Santos tornou-se professor efetivo.

⁹ O projeto, que contou com o financiamento da Fundação Educacional do Estado do Paraná (FUNDEPAR), aglutinou estudantes e jovens professores que, divididos em equipes, saíram para perscrutar arquivos públicos e privados em diversas cidades do estado. A justificativa para a união de forças em torno deste tipo de trabalho se dava, de um lado, pela tomada de consciência de que a falta de uma política arquivística nacional transformava os vestígios do passado em entulhos, e, de outro, pela chance de encontrar séries contínuas e homogêneas, a matéria-prima para “fabricar” os fatos, premissa fundamental de uma história quantitativa (Balhana e Westphalen, 1970, p. 15; Furet, 1976, 1986).

desbravar a escravidão regional em seu aspecto econômico. O dito “ônus” torna-se compreensível se relacionado ao processo de gestação do próprio fazer da história regional: organizar os papéis esquecidos, recuperá-los, tratá-los e criar arquivos para temas específicos de pesquisa, ponderando tanto a dificuldade da coleta quanto a incompletude das séries – questão premente para estudos com pretensão totalizante.¹⁰ O diálogo historiográfico a partir da temática “formas de escravidão a nível regional” começava a receber maior impulso. Então, mesmo para o exercício comparativo, os estudos referenciais não eram abundantes. Dessa feita, com plena consciência do caráter preliminar do que alcançou, Antunes dos Santos (1974, p. 117) traçou um programa para o doutoramento: comparar séries de preços dos escravos com outros gêneros de mercadorias e os salários, a renda.

O programa anunciado amadureceria com a supervisão de Mauro, na Universidade de Paris X – Nanterre, entre 1974 e 1976. Carregando consigo novas fichas de coleta de dados e microfilmes, a intenção era buscar “nova metodologia” para o “projetado alargamento e aprofundamento” da dissertação (Antunes dos Santos, 21/03/1975), tema que se tornou o dínamo da troca de correspondência com Cecília Westphalen.

Como a escrita epistolar também projeta uma imagem de si, sendo assim uma forma de dar-se a ver ao seu destinatário na medida daquilo que ele espera dessa troca (Malatian, 2012; Diaz, 2016), prefiguramos um esboço de retrato de Antunes dos Santos. Na imagem que a escrita nos pinta, ele parece ter enfrentado rapidamente os desafios da ambientação; as cartas indicam que, até certo ponto, conseguiu conciliar a realização das disciplinas e dos dossiês para a conquista do Diplôme d’Études Approfondies (DEA),¹¹ a experimentação da “nova metodologia” na escrita da tese e a participação em eventos acadêmicos. A adaptação nesse meio foi exposta a partir do bom convívio que sua família estabeleceu com a do seu orientador e com a de outros docentes, como Louis Henry e Jacques Bertin. Os “rendez-vous” (encontros) entre eles foram narrados com entusiasmo e em tom elogioso, as conversas eram alimentadas pelas lembranças do que, para o olhar europeu, eram os “exotismos” brasileiros: “Somente acho que M. e Mme. Bertin se importaram por demais com aquilo que

chamam (os estrangeiros) de exótico. Tudo parece exótico para eles: a terra roxa, a floresta, o cemitério colorido, etc.” (Antunes dos Santos, 21/03/1975).

Tendo em vista que a experiência francesa deveria se bastar em dois anos, o tempo acadêmico precisaria ser minuciosamente controlado, pois, como enfatizava Antunes dos Santos (16/06/1976), “fazer cursos e tese de Doutorado, tudo isso, no prazo de dois anos é, no mínimo, de deixar os franceses admirados (como sempre ficam, em face disso!)”. Para que sua ampulheta não recebesse contornos opressores, o primeiro ano foi reservado à obtenção do diploma do DEA e a toda socialização possível nas conferências e eventos acadêmicos,¹² para, no segundo ano, triunfar sobre o tempo e compor a tese.

Com essa marcação rítmica do tempo, o doutorando narrou à sua destinatária o cotidiano dos Seminários de Frédéric Mauro, Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Bertin, Fernand Braudel e Oliver Holmes (Antunes dos Santos, 23/11/1975). Assim como, ciente do lucro simbólico do ato de socializar, “exibiu”¹³ a ela todas as ocasiões em que soube estender o convívio protocolar dos seminários e eventos às mesas dos cafés.

Mauro, investigador da História Econômica do Brasil, despertava em seu seminário a atração de pesquisadores brasileiros.¹⁴ Ciro Cardoso (um dos autores referenciais de Antunes dos Santos sobre sociedades escravistas) e Nilo Odália foram alguns que por lá circularam. O trânsito intelectual também identificava os seminários de Braudel. Antunes dos Santos (16/06/1976) pôde ouvir as pesquisas de Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Pierre Vilar, Immanuel Wallerstein, Gunter Frank, Maurice Aymard, Hermann Kellenbenz, entre outros.

As aulas teóricas do Seminário de Mauro, cujo programa se centrava nas teorias da história e dos ciclos econômicos, não diferiam do curso dado no Mestrado em Curitiba (Antunes dos Santos, 21/03/1975); apreciação distinta, e positiva, Antunes dos Santos fez das aulas destinadas às pesquisas dos doutorandos por meio das *exposés* (exposições). O cuidado com a preparação e a expectativa da avaliação pelos pares são um ponto similar com a experiência acadêmica francesa de Westphalen; para eles, a *exposé* era um momento fundamental para testar ideias e traçar caminhos fazendo um uso qualitativo e eficiente do tempo.

¹⁰ Compreendendo que a História do Brasil é a história da formação dos grupos humanos regionais, a história regional analisa as relações entre o espaço geográfico e as estruturas econômicas e sociais das diversas comunidades humanas que agrupadas compõem um conjunto de formação regional. Como princípio, essa formulação foi reivindicada pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (Machado, 1951; 1972; Westphalen, 1977, 1988).

¹¹ No ensino francês do período, a conquista do DEA devia ser feita em um ano universitário e daria um passaporte para a defesa da tese de doutorado.

¹² Entre os eventos narrados está o encontro da Société de Demographie Historique, a Reunião dos Americanistas, a Reunião do GTBP (Grupo de Trabalho sobre a Bacia do Prata), a Conferência sobre “Trabalho livre e escravo na Bahia” de Kátia Mattoso no Seminário de François Crouzet na Université Paris-Sorbonne e as Conferências promovidas no IHEAL por Álvaro Jara (historiador chileno), Pierre Monbeig e Jean-Pierre Berthe.

¹³ O ato de “exibir-se”, na reflexão de Brigitte Diaz (2016, p. 175), expressa o desejo “de se desvelar por meio de suas cartas na hipotética verdade de sua nudez”. Na captura simbólica de si, o gesto de “exibir-se” está conectado ao de “confiar-se”, pois “não se confia nem se exhibe sem a escuta e o olhar de um parceiro cúmplice” (p. 166).

¹⁴ Alguns ex-alunos de Mauro: Luiz Felipe de Alencastro, Ciro Flamarion Cardoso, Maria Bárbara Levy, Maria de Lourdes Viana Lyra, José Leonardo do Nascimento, Luiz Carlos Ribeiro, Maria Eurydice de Barros Ribeiro, Helenice Rodrigues da Silva, Marinete dos Santos Silva, Tania Navarro Swain (Huerta, 1995, p. 39-43).

A proposta do curso de Oliver Holmes,¹⁵ professor visitante na VI^a Section de l'École Pratiques des Hautes Études (EPHE), era “estudar as Ciências Sociais num campo único, sendo que o vocabulário [era] afastado do campo da disciplina única” (Antunes dos Santos, 21/03/1975). Suas aulas enquadravam-se na reflexão acerca da linguagem comum das Ciências Sociais – mote braudeliano diretriz para Westphalen. Para a abordagem da “teoria da escravidão”, Holmes trouxe para o debate os trabalhos de seus conterrâneos norte-americanos: Robert Fogel, Conrad & Meyer, Eugene D. Genovese e Stuart B. Schwartz. Além de significar uma contribuição para a tese quanto à abordagem do problema da instituição da escravidão, esses referenciais colaborariam para a “formulação de uma teoria da escravidão (dos preços, por exemplo)” para o caso brasileiro, um dos anseios da pesquisa (Antunes dos Santos, 21/03/1975).

Quanto ao estreitamento das relações acadêmicas – os seminários são ótimos espaços para arquitetar redes de sociabilidade –, Holmes, cujos diálogos se estendiam ao café do outro lado da rua, ainda intermediou a troca de cartas entre Antunes dos Santos e Stuart Schwartz (Antunes dos Santos, 23/05/1975). Na correspondência com Schwartz, ele encontrou sua destinatária: “Recomendou-me o trabalho de C.M. Westphalen sobre os escravos em Paranaguá. Disse-me que em 1976 vai ao Paraná e que no momento a M^a. Luisa Marcílio está em sua casa na Califórnia” (Antunes dos Santos, 16/05/1975). A transcrição da conversa não contou com qualquer discrição, já que os nomes elencados pelo correspondente enfatizavam a competência científica do círculo historiográfico que o doutorando integrava no Brasil. Era uma nota a ser compartilhada.¹⁶

“Adorei o prof. Ladurie (é bem jovem em relação aos outros historiadores, uns 42 ou 43 anos), uma pessoa simples e bastante acolhedora, pela fama que tem”, disse Antunes dos Santos (23/05/1975), relatando o fim do seminário desenvolvido no Collège de France. A justificativa para segui-lo estava, sobretudo, na curiosidade intelectual que despertava o autor da grande tese regional *Les paysans de Languedoc*, de 1966. O programa do curso se desdobrou em torno da composição de sua obra: história econômica e social da zona rural francesa. Assim, se o “fascínio” pela História Moderna e a maestria de Ladurie ainda não avalizassem a sua escolha, o seminário possuía como questões tanto a elaboração de monografias regionais, a preocupação com o espaço e o tempo, quanto o manejo da demografia histórica, centrais para o desenvolvimento

da pós-graduação na UFPR. Os correspondentes estavam de acordo quanto à afirmação de que Ladurie, “excluindo o prof. Braudel”, era “o maior nome da Escola Histórica Francesa” (Antunes dos Santos, 21/03/1975). Nutria-se muita expectativa pela sua ida a Curitiba,¹⁷ pois, desde 1970, a combinação demografia, história social quantitativa e informática enlevava a destinatária e também compunha sua linguagem no ensino e na pesquisa.¹⁸

As memórias do Seminário de Jacques Bertin remetem ao trabalho desenvolvido no *Laboratoire de Cartographie/Graphique*. Com ele aprendeu os pressupostos da *semiologia gráfica*. “Não se desenha um diagrama, se constrói”, a imagem é transformável, pode ser reconstruída explorando as relações que os dados oferecem; este era o princípio da estruturação da linguagem gráfica para Bertin (1975, p. 33-43; 1986). Ele se apoiava nas leis da percepção visual. Diante da imagem, o olho humano tem a potencialidade de perceber pontos isolados, conjuntos ou subconjuntos hierárquicos, encaminhando questões e hipóteses que podem demandar o reagrupamento das variáveis. O tratamento gráfico da informação pode ser trabalhado a partir do fichário-imagem, leques de curvas, quadros ordenados. Os reordenamentos possíveis permitem transcrever relações de diferença, ordem, proporcionalidade, que sugerem tipologias por agrupamento de caracteres (Bonin, 1993, p. 355-361).

Bertin lecionou esses pressupostos no curso de Mestrado da UFPR no verão de 1975, quando Antunes dos Santos já estava em Paris (Ata da Reunião do Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, 1975). Foi a primeira viagem do francês ao Brasil, cuja narrativa a Westphalen, em tom extremamente gentil, externou satisfação e agradecimento pela experiência (Bertin, 06/03/1975). Ao trabalhar com sua metodologia na elaboração do inventário de curvas da movimentação das embarcações e mercadorias no Porto de Paranaguá (Westphalen, 14/04/1972), ao trazê-lo para ensinar *semiologia gráfica*, solicitar estágio e orientação para seus alunos (entre eles Jayme Antônio Cardoso, Sergio Odilon Nadalin e Jair Mequelusse) (Westphalen, 21/03/1975; 25/02/1976), arquitetar a tradução de sua obra e outros projetos com base em suas técnicas, Westphalen tornava-se de grande valia a Bertin, sem dúvida, a agente da circulação dos seus trabalhos no Brasil.

Segundo Antunes dos Santos (21/03/1975), Bertin deveria “sentir saudades do conforto existente nas salas” da UFPR, pois suas aulas, com cerca de 30 participantes,

¹⁵ Sobre esse nome pouco conhecido entre nós, sugerimos: Rhoads (1982, p. 28-32); Rundell Jr. (1982, p. 248-250).

¹⁶ Schwartz provavelmente se referia a: Westphalen (1972, p. 139-154).

¹⁷ “O Prof. Mauro me disse que já está quase praticamente certa a ida do E. Le Roy Ladurie à Curitiba” (Antunes dos Santos, 26/01/1976).

¹⁸ “O historiador do futuro será programador ou não será”, esse prognóstico entusiasmado de Ladurie, dito em 1968, foi tomado por Westphalen como um desafio (Westphalen, 14/05/1970; Westphalen, 24/05/1970; Ladurie, 2011, p. 210).

eram realizadas numa pequena sala que obrigava os alunos a realizarem as contas e desenhos nos joelhos. Desconforto que nutria a impressão de um “curso muito difícil e cansativo”. Essa avaliação passou a mudar quando eles iniciaram o trabalho prático com a sua documentação. Bertin se mostrou interessado por seus atos de compra e venda e indicou o Fichário-Imagem (FI) como técnica adequada para exploração do preço do trabalho escravo. Direcionamento que deu alento à pesquisa, pois,

O importante é partir de um problema básico (ou de uma hipótese) e através das manipulações verificar até que ponto o fichário pode responder o problema, ou confirmar ou negar a hipótese lançada. E de acordo com o que já havia afirmado na tese de mestrado, existe uma nova metodologia para estudar o preço do escravo, isto é, tomando por base o período, local, condição física do escravo, estado civil, sexo, idade de origem, preço unitário e profissão. Isso é uma afirmativa também da M^a. Luiza Marcílio, M. Buescu, e mesmo da New Economic History, e de outros. Mas o problema é: como aglutinar todas essas variáveis e verificar a importância de cada uma e do conjunto das mesmas, dentro de um conjunto maior. E com a técnica do Fichário de Imagem é possível fazer diversas manipulações com as diversas variáveis (Antunes dos Santos, 07/01/1976).

Voilà, eis o encontro esperado com a “nova metodologia”! Cabe lembrar que as técnicas de tratamento gráfico da informação, conforme concebidas por Bertin, foram, em 1970, a descoberta do “novo” de Westphalen. Explica-se, por conseguinte, a ênfase nesse assunto em grande parte da correspondência entre eles. Antunes dos Santos enviava questões e fotografias das manipulações esperando da interlocutora ajuda na leitura dos FI e na elaboração de novas hipóteses: “E caso a senhora ou a Profa. Altiva tiverem outras idéias ou mesmo análises sobre o fichário-imagem favor comunicarem, que receberei isso com o maior prazer. E justamente com essa estou enviando as 3 últimas fotos obtidas, e uma coupagem dos preços baixos, intermediários e altos” (02/03/1976).¹⁹

A força da presença da destinatária no processo de análise dos dados pode ser deduzida pela angústia que a demora da resposta suscitava. Nesse momento, Westphalen não poderia lhe falhar. O tempo, nesse segundo ano de doutoramento, já era ritmado pela urgência: “existem momentos que as coisas vão bem, como no início, e em

outros é preciso muito tempo de reflexão, de trabalho estatístico, etc.” (Antunes dos Santos, 16/06/1976).

As cartas tornaram-se o lugar do exercício das interpretações e da estruturação da tese; pelas linhas completamente preenchidas, a destinatária deveria acompanhar e avaliar todas as etapas da gestação da pesquisa e, nessa movimentação, também enviar material de trabalho e bibliografia específica, outro obstáculo a ser vencido:

É lógico que aí no Brasil, usando a Biblioteca do Departamento e a minha própria, muita coisa já estaria esclarecida. [...] Sobre o Paraná posso dizer que o pouquíssimo que existe serve para quase nada. [...] São problemas como esses que retardam um pouco as coisas. [...] Não quero agora ficar escrevendo de todos os empecilhos – a senhora me conhece – e depois que entro num “negócio” vou até o fim. E portanto espero chegar lá (Antunes dos Santos, 16/06/1976).

Tomado pelo trabalho, o doutorando saía de casa apenas para ir ao *Laboratoire*: seu cotidiano estava entrelaçado às manipulações das 1.004 fichas elaboradas a partir de 1.004 registros de compra e venda de escravos. Da dissertação tem-se a ampliação do número de escrituras, que era de 839, e das variáveis que comporiam o conjunto de características que determinavam o preço do escravo (data, cidade, sexo, estado civil, estado de saúde, idade, cor, origem, preço e profissão).

Com esse material, o tema da dissertação, preço do escravo, foi aprofundado em toda a terceira parte da tese (capítulos 5 e 6), valendo-se da *semiologia gráfica* e da estatística para reconstituir e analisar os diferentes tipos de mercado de escravos (ora regido pela força de trabalho, ora pelos jogos da oferta e da demanda) e compará-los com o preço da terra e da carne, já que, durante o recorte analítico, 1860-1887, a pecuária era uma importante atividade produtiva da província paranaense.

A grande questão da tese foi desmistificar quantitativamente que “Il n’a jamais eu d’esclavage au Paraná!” (Antunes dos Santos, 1976, p. 1).²⁰ A última parte do trabalho mostrava que o número da população escrava não era baixo, mas relativo à economia paranaense, uma economia de tipo periférico. Essa vontade de evidência, de fazer ver (Hartog, 2011), tinha uma mira calculada: “É preciso acabar com essa história de ‘Paraná branco’ mesmo no séc. XIX, ou então ‘Brasil Meridional – um capítulo à parte da H. do Brasil’. Para mim isso não passa de racismo científico, próprio de

¹⁹ Algumas cartas têm o destino partilhado, pois Altiva Pilatti Balhana (1928-2009), a grande dama da História Demográfica na UFPR, era companheira afetiva e intelectual de Westphalen.

²⁰ “Jamais existiu escravidão no Paraná” (Antunes dos Santos, 1976, p. 1, tradução nossa).

T. Linhares, e outros ‘cientistas’” (Antunes dos Santos, 16/06/1976). A análise regional apresentava-se imbuída de um compromisso ético com os problemas do presente do investigador: ela buscava materializar uma resposta historiográfica à construção identitária do Paraná como um Brasil diferente, branco, europeu.²¹

Com foco no desenvolvimento dos processos históricos que singularizam espaços territoriais (meio geográfico, povoamento, economia, organização social), a abordagem regional seria uma estratégia metodológica capaz de oferecer modelos que auxiliariam na compreensão da formação nacional. Nesse sentido, a História do Brasil seria uma síntese histórica capaz de apontar os traços estruturais que unem o vasto território nacional sem deixar de considerar os contrastes que caracterizam as histórias regionais (Machado, 1951, 1972; Westphalen, 1977, 1988). Assim, essa história regional praticada por Antunes dos Santos se diferenciava da história do “Paraná branco”, que, relacionada à produção do início do século XX, objetivava particularizar o espaço despertando o sentimento de valorização regional. Essa produção teria sido impulsionada mais por um estímulo regionalista do que pela retidão do método histórico, reivindicada por Antunes dos Santos.

Dividida em três partes, a meta da segunda parte da tese (capítulos 3 e 4) foi caracterizar essa economia periférica paranaense dentro do sistema escravista brasileiro do século XIX para mostrar a integração da província ao sistema. Já na primeira (capítulos 1 e 2), apoderando-se do vocabulário da geo-história, o autor sumariou uma visão do espaço, da paisagem e das condições históricas da região. Trabalhando com três séculos, XVII, XVIII e XIX, e acompanhando a lentidão do tempo geográfico, ele alçou os vínculos austeros da relação homem, ecossistema e ciclos econômicos. Essa forma de construção historiográfica credenciava a tese a inscrever-se no rastro hereditário da estrutura “geografia, teoria econômica e técnicas quantitativas”, caminho que, inspirado em Braudel e no seu diálogo com Vidal de La Blache (Lira, 2008), foi seguido por Mauro em seu doutoramento.²²

A construção deste alinhamento foi um desejo expresso em suas cartas, desejo de exercitar o que aprendeu seguindo Braudel em dois de seus seminários e, como Westphalen, imprimir em sua trajetória intelectual a marca simbólica da orientação interpretativa da história “daquele

homem que, praticamente, mudou o ritmo da história” (Antunes dos Santos, 21/03/1975). Assim como a destinatária, Antunes dos Santos tornava-se um historiador brasileiro discípulo dessa historiografia francesa.

A constância de Braudel na correspondência é compreendida nesta linha de construção da filiação, que acarretava a vigilância de sua postura em relação ao campo historiográfico. Segundo Antunes dos Santos (16/06/1976), Braudel havia mudado um pouco... “Suas definições de capitalismo, liberdade, críticas quanto aos historiadores contemporâneos, e suas constantes aberturas de caráter metodológico, etc. mostram uma preocupação em atualizar-se”. Ele aceitava em seus cursos “a contribuição de todos os historiadores, sejam de marxistas, clássicos, liberais, etc., a todos tem suas críticas e elogios”.

Algo que se autoproclamava “novo” despertara o interesse do historiador brasileiro; ele se referia diretamente ao grupo que coordenou a obra *Faire de l'histoire* (1974) e os tais “novos conceitos, novas concepções, novos horizontes”. Apesar de demonstrar entusiasmo pela aparência contestatória dos “novos”, acreditava que “Le Goff, Nora, etc.,” não pareciam até aquele momento “em condições de colocar em xeque o Prof. Braudel” (Antunes dos Santos, 16/06/1976). A *contraprova*²³ de uma “saída de cena” generalizada seria sua própria tese, ou seja, a possibilidade de seu desenvolvimento relativizava a morte súbita de um tipo de fazer historiográfico, o de Braudel.

Tese que atendeu as expectativas da sua banca avaliadora, formada por Mauro, pelo próprio Bertin e por Adeline Daumard, especialista em História Social, até então desconhecida pelo doutorando.²⁴ O “candidato ideal”, segundo Mauro (15/01/1977), cujo trabalho causou “verdadeira alegria” a Daumard (15/11/1976), não apenas retornaria ao Brasil versado nessa historiografia, mas também para ela enfatizaria a operacionalidade do programa de trabalho empreendido pelo grupo de historiadores do curso de Mestrado em História do Brasil da UFPR. Programa que estava em consonância com a historiografia econômica e social quantitativa desenvolvida pelos historiadores franceses e brasileiros, conforme a vitrine das abordagens expostas no Colóquio Internacional “L'histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930”.

Nas cartas de Antunes dos Santos, vemos que era a sua experiência francesa, o processo de aprendizagem, a

²¹ A tese do “Brasil diferente” pode ser lida em: Martins (1989); Linhares (2000). Para a crítica contemporânea, indicamos: Oganauskas (2013, p. 147-172); Moraes e Souza (1999, p. 7-16).

²² Em sua tese de doutoramento, orientada por Ernest Labrousse, direcionando-se ao Atlântico do século XVII, Mauro (1960) realizou um estudo sobre o tráfico mercantil português entre 1570 e 1670.

²³ A ideia de *contraprova* (*contre-preuve*) significa buscar na reflexibilidade individual leituras particulares de eventos, flexibilização de interpretações, modos de se conduzir e agir que complexificam enunciados (Artières e Laé, 2011, p. 10).

²⁴ O nome de Daumard sobrepôs-se porque “está interessada no problema da escravidão no Brasil (agora compreendo a sua presença na conferência da Katia Mattoso); e porque, sempre segundo o Prof. Mauro, ela se saiu muito bem quando fez parte do júri que examinou a tese da Barbara Levy sobre a ‘Bolsa de Valores do Rio de Janeiro’, exigindo muito da candidata” (Antunes dos Santos, 25/10/1976). Daumard acabava de voltar do Brasil, onde ministrou cursos na UFPR, a convite de Westphalen, e no Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, a convite de Kátia Mattoso. Síntese do programa que a historiadora francesa desenvolveu é o livro *Cinco aulas de História Social*, de 1978.

análise das fontes e a escrita da tese que estavam sempre em primeiro plano na narrativa; poucas foram as perguntas e considerações de cunho mais pessoal relativos à vida da “Prezada Profª. Cecília” – código de tratamento que preserva a distinção entre eles. Em sua escrita, ele informava as novas publicações, comentava os títulos mais “falados”, incitava o debate sobre perspectivas historiográficas, acontecimentos econômicos e políticos.²⁵ Nessas linhas, o tempo para os demais assuntos (família, passeios, viagens, colegas) aparece como pausa. E mesmo quando esse tempo conquista algum espaço, Antunes dos Santos teima em distanciar-se do trabalho: “vou levar algum livro e algum material para continuar o trabalho” (11/06/1975). E, assim, entre a barraca de camping, os brinquedos da filha e as roupas do casal, os livros, arrolados para Westphalen dentre os itens do lazer, também seguiam viagem.

A forma de Antunes dos Santos assumir que a sua existência ordenará a escrita é esclarecedora do relacionamento franco existente entre os correspondentes, já que o espaço diminuto ao corriqueiro, ao mundano, ao outro, pode ser indicativo da sobreposição do outro tempo, o acadêmico. Escrita de si e do outro, o relato epistolar também é um espaço de construção do interlocutor. O remetente parece compreender a relação que a destinatária estabelece com o tempo do meio acadêmico e assim justifica tomar para si todo o tempo da carta: “Sei que o seu tempo deve estar cada vez mais escasso, e peço desculpas pela exigência” (26/01/1976); “Espero não incomodá-las, pois sei que possuem muitas atividades que tomam o tempo todo” (02/03/1976); “Se tiver tempo, favor responder – merci” (15/04/1976).

A Cecília Westphalen pintada por Antunes dos Santos era uma pessoa “sem tempo”, ou melhor, com o tempo todo preenchido. Durante o seu período de experiência historiográfica francesa, a grande obra de Westphalen foi a concretização do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPR, que trouxe, consequentemente, a expansão das tarefas administrativas. A coordenação das atividades pedagógicas, o planejamento das tabelas orçamentárias, a elaboração de relatórios diversos, a representação em conselhos e comissões internas e instâncias públicas externas são algumas das atividades que passaram a ser acumuladas com a prática docente, com

a gestão de grupos de orientandos e com os deslocamentos para bancas de pós-graduação, concursos, avaliações institucionais e eventos acadêmicos.

Nessa soma turbulenta de afazeres não se pode minorar o peso das atribuições de Westphalen na ANPUH, onde exercia cargo na diretoria desde a fundação (1961). Colocando Westphalen entre a assunção da Coordenação da Pós-Graduação em História (1972) e sua posse como Diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR (1976), uma sutil linha indica que nos Simpósios da ANPUH ocorreu uma queda de sua produção quanto à comunicação dos progressos alcançados em seu maior empreendimento investigativo.

A sobrecarga das atividades universitárias acarretou o recuo da sua pesquisa sobre as relações comerciais no Porto de Paranaguá. Após a exposição no Colóquio em Paris, em 1971, Westphalen avançou timidamente com suas tabelas, gráficos e cálculos estatísticos de navegações (Westphalen, 1999), situação que só passou a se reverter com o progressivo afastamento das atividades administrativas na década de 1980. Esse cenário nos sugere que, no período embrionário de estruturação da pós-graduação, a produção do conhecimento, uma das dimensões do ofício,²⁶ era praticada na relação com a pesquisa dos outros, dos orientandos, como Antunes dos Santos, o que significa dizer que o esforço de produção permanecia na orientação.

As atividades institucionais desempenhadas por Westphalen estão entre imposições hierárquicas, falência de pessoal por inconstância orçamentária e investimentos sobre si. Na década de 1970, além de Coordenadora da Graduação e do Mestrado em História, Westphalen foi Presidente da Coordenação Central dos Cursos de Pós-Graduação e da Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa do Conselho de Ensino e Pesquisa. Na CAPES e no CNPq, foi assessora para assuntos de pós-graduação em História; no governo estadual do Paraná, foi membro do Conselho Estadual de Educação e, em 1976, foi indicada a compor o Conselho Federal da Cultura.

Assumir posições eminentes, de comando, ser incluída na lista sêxtupla para reitor, tornar-se *expert* da estrutura da pós-graduação, integram o longo caminho de construção do seu “nome”.²⁷ Contudo, em outra mirada, conjecturamos que tais investimentos foram progres-

²⁵ Chama atenção em sua narrativa cotidiana a imagem negativa do governo militar brasileiro na França devido à circulação pela imprensa de denúncias de tortura, violência e censura: “E nós, brasileiros, por aqui temos que aceitar todas as críticas da imprensa internacional que só fala em torturas, prisões, esquadrão da morte, nova ação do A.I. nº. 5, derrota do projeto de Divórcio (dizem que se o voto fosse secreto o divórcio seria instalado no Brasil), etc.” (Antunes dos Santos, 23/05/1975).

²⁶ Aproximamo-nos aqui de Gérard Noiriel. A partir de uma reflexão pragmática sobre a história, o historiador francês se concentra na análise de um conjunto de “atividades” que integram o exercício do *métier* do historiador. Seriam três as dimensões essenciais do ofício, precisamente, três tipos de tarefas que corresponderiam a três tipos de competências: a produção de conhecimentos (procedimentos da pesquisa: questões, hipóteses, critérios de verificação, etc.) corresponderia à “atividade de saber”; a difusão, a comunicação do saber na sociedade (tarefa do ensino) corresponderia à “atividade de memória”; e a orientação de teses, jûris em comissões de recrutamento ou promoção, reuniões administrativas, etc. corresponderiam às “atividades de poder”. Essas três dimensões não são dissociáveis, mas como aparato analítico nos detemos nas “atividades de poder” para investigarmos a relação entre o exercício dessas atividades e suas implicações ao trabalho de produção intelectual (Noiriel, 2010, p. 518-528; 2014, 2005).

²⁷ Como sinaliza Pierre Bourdieu (1983, p. 122-155), “acumular capital é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum”.

sivamente oprimindo o seu tempo como produtora de conhecimento, atividade que passou a ser exercida a partir da função orientação.

A indicação dos seminários a serem seguidos, o envio das referências e fontes a serem utilizadas, a reflexão conjunta sobre as hipóteses a serem testadas com a metodologia, sobre os descartes que se impõe a viabilidade da pesquisa, sobre os resultados e as etapas de redação da tese são atitudes que esmiúçam a composição de uma relação de orientação (Castro, 2006). Embora Cecília Westphalen tenha deixado de ser a “orientadora oficial” de Antunes dos Santos, entre os correspondentes avista-se o trabalho de orientação a distância, pois ao “pensarem por carta” transformaram-na em “laboratório da tese”.²⁸ Essa relação foi mediada pela “confiança”, um sentimento positivo que permite tudo poder falar e assim contar com o selo da franqueza nas colocações e pareceres (Vincent-Buffault, 1996).

Na relação epistolar entre Antunes dos Santos e Westphalen, a cumplicidade também se estabelecia pela identificação de suas personalidades; esse motor do princípio da partilha se expunha nas formas de portar-se, de se fazer ver, nas diversas cenas reconstruídas narrativamente (seminários, conferências, conversas). No espaço que a destinatária abria para confissão e exibição, o remetente chegava a si mesmo, à ordenação do seu cotidiano, dos seus pensamentos, à conjectura dos seus planos. Vivência acentuadamente distante da que a geração de Westphalen experimentou na ocasião de elaboração das suas teses, que eram exigidas, em geral, em razão dos concursos de cátedra e, devido ao incipiente incentivo à pesquisa, produzidas na solitude.²⁹

Considerações finais

Ao posicionarmos estas narrativas epistolares em seus lugares de enunciação, buscamos apreender algumas das particularidades do universo intelectual acadêmico. Neste caso, acompanhamos um dos momentos que integraram o processo de formação intelectual de Antunes

dos Santos, isto é, uma das cenas em que escolheu filiações e práticas para serem impressas em sua carreira de historiador. A subjetivação da sua experiência formativa por meio da narrativa epistolar colocou-nos diante de um cotidiano de descobertas, aprendizagens, dificuldades, recuos e hesitações, ritmado pelas exigências do tempo acadêmico, que, embora componha o desenvolvimento cognitivo, não se exhibe nos produtos historiográficos (artigos, dissertações e teses). Entre perguntas sem respostas, agradecimentos por *insights* e direcionamentos, essas narrativas entrecortadas e compósitas (Diaz, 2016, p. 54) indicaram a força da presença da interlocutora em um estilo de ser orientadora a distância.

A “maneira de fazer”³⁰ história de Antunes dos Santos relaciona-se com a particularidade da arquitetura de um projeto identitário, da instituição de uma memória disciplinar,³¹ pois ao lado do interesse pessoal em aprofundar o domínio intelectual na especialidade escolhida estava uma estratégia departamental encabeçada por Cecília Westphalen. O “enviado” a Paris retornaria com a marca dos lugares percorridos, a Universidade Paris X – Nanterre, a EPHE, o Collège de France e o título de doutorado que asseguraria a autonomia do corpo docente do curso de Mestrado em História do Brasil e projetaria a imagem da competência científica necessária para pleitear a ampliação do Programa de Pós-Graduação em História. Orquestração que está umbilicalmente conectada com a função orientação. Os referenciais da tese de Antunes dos Santos reforçariam as credenciais desse programa, em que se praticava história econômica e demográfica regional em diálogo direto com a historiografia francesa em torno dos *Annales*. Westphalen, ao trabalhar na articulação do trânsito intelectual de seus ex-alunos, opera diretamente na construção social da afirmação identitária do seu legado na instituição, fortalece e busca legitimar o seu próprio lugar na historiografia brasileira.³²

Diz-se que a correspondência é um espaço de sociabilidade porque por ela podem-se estabelecer vínculos, travar debates, esquematizar projetos (Gontijo, 2005; Anhezini, 2015). Os nomes e as instituições que aparecem nas cartas denotam como a circularidade de sujeitos

²⁸ Formulação inspirada na obra de Diaz. Voltando-se à história da carta como gênero em trânsito, a autora analisa o interdito que recaía sobre ela nos cenários epistolares dos séculos XVIII e XIX. Acusada de ser o lugar de tagarelices mundanas e sentimentais, muitos epistológrafos precisaram inventar maneiras indiretas de “pensar por carta” e, apropriando-se desse interdito, progressivamente tornaram a correspondência um espaço de pensamento dialógico. Livres para saltos reflexivos e experimentais, homens e mulheres de letras transformaram-na em “laboratório da obra” (Diaz, 2016, p. 42-47).

²⁹ Em razão do concurso para o preenchimento da cadeira vacante de História Moderna e Contemporânea na UFPR, Westphalen desenvolveu a tese “Carlos-Quinto, 1500/1558: seu Império universal” e a defendeu em 1957, tornando-se Doutora, Docente Livre e Professora Catedrática.

³⁰ A “maneira” deve ser lida no plural, pois remete a um repertório coletivo do qual irrompem “práticas e procedimentos”. Contudo, deve-se ressaltar, tais práticas não orientam “a região inteira de atividades”, e assim devemos manter-nos abertos ao espanto, à indagação sobre a condição de possibilidade de determinados modos de ser e de transformar-se nos caminhos percorridos. Como pondera Michel de Certeau (2016, p. 129), “diferentes ‘maneiras’ podem coabitar no mesmo campo ou no mesmo ator, assim como, em um mesmo apartamento, por parte do mesmo habitante, pode-se ter, simultaneamente, maneiras modernistas, tradicionalistas ou fetichistas de ‘tratar’ o espaço”.

³¹ Sobre a historicidade da disciplina e os modos de exercício de poder, Manoel Luiz Salgado Guimarães (2005, p. 32) reflexiona: “Nossa própria disciplina tem a sua história, fruto de embates e tensões, disputas por memória, uma memória disciplinar que uma vez instituída tende a canonizar autores e obras constituindo o panteon dos nossos clássicos”.

³² A atenção a esse tipo de investimento social na circulação de uma determinada forma de fazer história foi despertada na leitura de Miguel Palmeira (2013, p. 86-87), que toma as cartas que Moses Finley escreveu para recomendar seus alunos como uma das estratégias mobilizadas pelo autor para a construção do seu legado.

e conhecimentos constituía a historiografia brasileira e como, em meados dos anos 1970, esses profissionais forjaram suas filiações intelectuais em trânsito. Se suas experiências podem ser aproximadas de Antunes dos Santos, eles eram bem acolhidos, tinham espaço para serem ouvidos, mas deviam superar diversos obstáculos, como o acesso à bibliografia específica, as fontes, a transposição de conhecimentos e linguagens para contextos históricos e intelectuais distintos daqueles em que foram produzidos, o tempo para análise e escrita em língua estrangeira, além de postar-se diante de um júri cujo próprio *modus operandi* era fugidio devido à especificidade daquela cultura acadêmica.³³

Os nomes que correm por estas linhas tornaram-se referenciais para a produção historiográfica brasileira do período e formaram a nova geração de mestres e doutores. Produção, como ressaltamos, que se intensificou com a formatação do sistema de pós-graduação. Em relação a essa estrutura, e a partir do esforço interpretativo aqui apresentado, acreditamos que pelo cotejamento de narrativas epistolares, nas quais a vida intelectual palpita nas linhas premidas pelo tempo acadêmico, possamos nos aproximar de uma das atividades que passaram a compor o “ser historiador” pós-titulação, o “ser orientador”.

Referências

- ADOLFO, R. 2014. *A emergência do escravo-agente na historiografia da escravidão entre os anos de 1970 e 1980*. Assis, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 145 p.
- ANHEZINI, K. 2015. Arautos da História da historiografia: as disputas por um conceito de historiografia nas cartas de Amaral Lapa enviadas a Nilo Odália. *Patrimônio e Memória*, 11(1):4-21.
- ARTIÈRES, P.; LAË, J.-F. 2011. *Archives personnelles: Histoire, anthropologie et sociologie*. Paris, Armand Colin, 191 p.
<https://doi.org/10.3917/arco.artie.2011.01>
- BALHANA, A.P. 1995. Frédéric Mauro e os cursos de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. In: G. MARTINIÈRE, *Mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa/Paris, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, p. 47-54.
- BALHANA, A.P.; WESTPHALEN, C. 1970. Levantamento e Arrolamento de Arquivos. *Boletim da Universidade Federal do Paraná*, 10:1-36.
- BERTIN, J. 1975. La sémiologie graphique. Entrevista a Marc Emery. *Communication et langages*, 28:33-43.
- BERTIN, J. 1986. *A neográfica e o tratamento gráfico da informação*. Curitiba, Editora UFPR, 273 p.
- BONIN, S. 1993. Gráfica. In: A. BURGUIÈRE (org.), *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro, Imago, p. 355-361.
- BOURDIEU, P. 1983. Campo científico. In: R. ORTIZ (org.), *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo, Ática, p. 122-155.
- BOURDIEU, P. 2011. *Homo academicus*. Florianópolis, UFSC, 314 p.
- BRODER, A. 2002. La trayectoria de Frédéric Mauro. *História Econômica & História de Empresas*, 5(1):165-169.
- CASTRO, C. de M. 2006. Memórias de um orientador de tese: um autor relê sua obra depois de um quarto de século. In: L. BIANCHETTI; A.M. MACHADO (org.), *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. Florianópolis/ São Paulo, Editora da UFSC/Cortez, p. 109-134.
- CERTEAU, M. de. 2016. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 254 p.
- COLLOQUES INTERNATIONAUX DU CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE, 543, Paris, 1971. L'Histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930. 1973. *Anais...* Paris, CNRS, 488 p.
- DAUMARD, A. 1978. *Cinco aulas de História Social*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, 125 p.
- DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. 2012. A história social ‘a francesa’ em seu apogeu: Labrousse/Braudel. In: C. DELACROIX; F. DOSSE; P. GARCIA, *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, FGV, p. 197-259.
- DIAZ, B. 2016. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. São Paulo, Edusp, 272 p.
- FÁVERO, M. de L. 2000. Da Cátedra Universitária ao Departamento: subsídios para discussão. In: Reunião Anual da ANPED, 23, Caxambu, 2000. *Anais...* Caxambu, p. 1-15. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1118t.PDF>. Acesso em: 02/07/2015.
- FURET, F. 1976. A História quantitativa e a construção do fato histórico. In: M.B. NIZZA DA SILVA (org.), *Teoria da História*. São Paulo, Cultrix, p. 73-91.
- FURET, F. 1986. *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, 209 p.
- GONTIJO, R. 2005. História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu. *História*, 24(2):159-185.
<https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000200007>
- GUIMARÃES, M.L.S. 2005. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Agora*, 11(1):31-47.
- HARTOG, F. 2011. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 286 p.
- HÉBRARD, J. 2013. Slavery in Brazil: Brazilian Scholars in the Key Interpretive Debates. *Translating the Americas*, 1:47-95.
<https://doi.org/10.3998/lacs.12338892.0001.002>
- HUERTA, M. 1995. Frédéric Mauro, directeur de thèses. In: G. MARTINIÈRE, *Mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa/Paris, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, p. 39-43.
- LADURIE, E. Le R. 2011. O historiador e o computador. In: F. NOVAIS; R.F. da SILVA (org.), *Nova história em perspectiva*. São Paulo, Cosac Naify, p. 206-210.
- LARA, S. 1992. Escravidão no Brasil: um balanço historiográfico. *LPH: Revista de História (UFOP)*, 3(1):215-244.
- LINHARES, T. 2000. *Paraná vivo: sua vida, sua gente, sua cultura*. 20ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 327 p.
- LIRA, L.A. de. 2008. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia. *Confins*, 2:1-15. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/2592>. Acesso em: 17/06/2018.
- LIRA, L.A. de. 2017. *Pierre Monbeig e a formação da geografia brasileira*:

³³ Logo após a definição da composição de sua banca, Antunes dos Santos (07/09/1976) se coloca a questionar: “é bom se precaver (acho que é sempre bom ter cuidado) pois é um júri estrangeiro (ao candidato), com um candidato estrangeiro (qual será a psicologia dos franceses? Isso me preocupa um pouco)”.

- uma ciência no contexto do capitalismo tardio: Erosão dos valores literários, “tentação à ação” e sistematização do método (1925-1957). São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 418 p.
- LOVE, J. 1975. L'histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930. *The Hispanic American Historical Review*, 55(3):535-537. <https://doi.org/10.2307/2512381>
- MACHADO, B.P. 1972. Aula Inaugural. Cursos de Pós-Graduação em História. Curitiba, UFPR, p. 7-9. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa sem identificação.
- MACHADO, B.P. 1951. *Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná*. Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, 26 p.
- MACHADO, D.V. 2016. *Por uma “ciência história”: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998*. Assis, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 337 p.
- MALATIAN, T. 2012. Narrador, registro e arquivo. In: C. PINSKY; T.R. de LUCA (org.), *O historiador e suas fontes*. São Paulo, Contexto, p. 195-221.
- MARTINS, W. 1989. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Anhembi Ltda, 470 p.
- MAURO, F. 1960. *Le Portugal et L'Atlantique au XVII siècle (1570-1670): Étude économique*. Paris, CNRS/SEVPEN, 550 p.
- MONBEIG, P. 1971. Séance inaugurale. In: Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique, 543, Paris, 1971. L'Histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930. *Annales...* Paris, Éditions du CNRS, p. 12-13.
- MORAES, P.; SOUZA, M. G. 1999. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista Sociologia e Política*, 13:7-16. <https://doi.org/10.1590/S0104-44781999000200001>
- NOIRIEL, G. 2010. Métier/communauté. In: C. DELACROIX; F. DOSSE; P. GARCIA, N. OFFENSTADT (org.), *Historiographies: concepts et débats I*. Paris, Gallimard, p. 518-528. (Folio histoire).
- NOIRIEL, G. 2014. *Penser avec, penser contre. Itinéraire d'un historien*. Paris, Belin, 314 p.
- NOIRIEL, G. 2005. *Sur la “crise” de l'histoire*. Paris, Gallimard, 475 p.
- OGANAUSKAS, F. 2013. Memória e identidade regional paranaense: o contraponto historiográfico de um Paraná sui generis. In: A. TRINDADE; H. COSTA; D. ROIZ (org.), *A margem do(s) cânone(s): pensamento social e interpretações do Brasil*. Curitiba, Ed. UFPR, p. 147-172.
- PALMEIRA, M.S. 2013. Arquivos pessoais e a história da história: a propósito dos Finley Papers. In: L. HEYMANN; I. TRAVANCAS; J. ROUCHOU (org.), *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 79-99.
- RHOADS, J.B. 1982. Oliver Wendell Holmes. Obituaries. *American Antiquarian Society*, 92:28-32. Disponível em: <http://www.americanantiquarian.org/proceedings/44517682.pdf>. Acesso em: 28/11/2017.
- ROIZ, D. da S. 2012. *Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba, Appris, 266 p.
- RUNDELL Jr., W. 1982. Oliver W. Holmes. *The American Archivist*, 45(2):248-250. <https://doi.org/10.17723/aarc.45.2.y54424166452k812>
- VIDAL, L. 1998. *L'itinéraire d'un historien de l'Amérique Latine*. Entretien avec Frédéric Mauro. *Cahiers des Amériques latines*, 28-29:101-108. Disponível em: http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Cal_028.pdf. Acesso em: 16/06/2015.
- VINCENT-BUFFAULT, A. 1996. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 237 p.
- WESTPHALEN, C.M. 1972. A introdução de escravos novos no litoral paranaense. *Revista de História*, 44(89):139-154. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1972.131319>
- WESTPHALEN, C.M. 1995. Frédéric Mauro e a história quantitativa do Brasil. In: G. MARTINIÈRE, *Mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa/Paris, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, p. 55-61.
- WESTPHALEN, C.M. 1977. História Nacional, História Regional. *Estudos Brasileiros*, 3:29-34.
- WESTPHALEN, C.M. 1988. Martius, o Instituto Histórico e a história regional do Brasil. *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*, 25:695-703. <https://doi.org/10.7767/jbla.1988.25.1.695>

Fontes primárias

- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 2 mar. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 21 mar. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 6.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 16 maio. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 6.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 23 maio. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 6.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 11 jun. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 5.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 23 nov. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 5.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 7 jan. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 26 jan. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 15 abr. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 16 jun. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 7 set. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 25 out. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.

- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1976. *L'Économie et la société esclavagistes au Paraná (Brésil) de 1854 à 1887*. Nanterre. Tese de Doutorado, Université de Paris X, 362 p.
- ANTUNES DOS SANTOS, C.R. 1974. *Preços de escravos na Província do Paraná: 1861-1887 (Estudos sobre as escrituras de compra e venda de escravos)*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 131 p.
- ATA da Reunião do Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 1975. Curitiba, 7 de novembro. Acervo Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná.
- ATA da Reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. 1971. Curitiba, 6 de novembro. Acervo Departamento de História. Universidade Federal do Paraná.
- BERTIN, J. 1975. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 6 mar. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 6.
- DAUMARD, A. 1976. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 15 nov. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- MAURO, F. 1977. *Carta a Cecília Westphalen*. Paris, 15 jan. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 3.
- WESTPHALEN, C.M. 1999. *Curriculum Vitae*. Curitiba, Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.
- WESTPHALEN, C.M. 1970. *Carta a Altiva Pilatti Balhana*. Paris, 14 maio. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa sem identificação.
- WESTPHALEN, C.M. 1970. *Carta a Altiva Pilatti Balhana*. Paris, 24 maio. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa sem identificação.
- WESTPHALEN, C.M. 1972. *Carta a Jacques Bertin*. Curitiba, 14 abr. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 7.
- WESTPHALEN, C.M. 1975. *Carta a Jacques Bertin*. Curitiba, 21 mar. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 5.
- WESTPHALEN, C.M. 1976. *Carta a Jacques Bertin*. Curitiba, 25 fev. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa sem identificação.

Submetido: 22/06/2018

Aceito: 09/10/2018